

WIEVIORKA, Michel. *El Espacio del racismo*. Barcelona: Ediciones Paidós; Buenos Aires: Editorial Paidós, 1ª edición, 1992, 274 páginas. Tradução do original *L'espace du racisme*. Traducción de Isidro Arias. Paris: Éditions du Seuil, 1991.

*Regina Celia Pedroso**

A unidade teórica do racismo pode ser explicada por suas finalidades claras: meio para alcançar determinado fim.

O racismo em suas diversas formas de atuação, como propõe Michel Wieviorka baseia-se na eleição de uma etnia ou camada social por uma coletividade para servir a propósitos de poder, é a expressão clara do significado de exclusão. O bode expiatório tem assim o lugar em diversas sociedades no mundo. Criá-lo é uma necessidade: "A teoria do mecanismo do bode expiatório, o qual desencadeia-se a partir da crise ou do mal funcionamento da sociedade, aponta a um grupo definido por uma representação que pouco ou nada tem a ver com suas características objetivas" (p. 37).

A tipologia do racismo pode ser constituída a partir de três paradigmas principais, como enumera o autor no final de seu livro: os valores universalistas que negam os valores particulares; o grupo que renega a modernidade e oferece resistência; e, o grupo racista que se inclina ao lado do universalismo contra o particularismo. A não aceitação da alteridade é a base para o desenvolvimento das teorias preconceituosas.

Alterando exemplos concretos com as principais posturas teóricas surgidas a partir do século XIX, Wieviorka relaciona a produção intelectual com as práticas sociais. Nesse sentido, a História se incumba de localizar o surgimento da idéia de raça, que se deu a partir da combinação das idéias coloniais, do desenvolvimento científico, da indústria, da mescla populacional, do individualismo e do nacionalismo. A modernidade caracterizada pela enfermidade.

O conceito de alteridade racial surge assim na Europa com os expoentes Gustave Le Bon e Arthur de Gobineau, teórico que abordou o tema da degeneração através da mistura dos povos.

* Pós-Graduada no Departamento de História FFLCH/USP.

A segregação contra os negros e contra os judeus assume características objetivas: o racismo ao negro nos Estados Unidos da América e o anti-semitismo na Alemanha dos anos 30.

Nos Estados Unidos o obstáculo para a cooperação racial limita a entrada dos negros no mercado de trabalho. O indivíduo de "coloração depreciativa" tem seu lugar: o bairro periférico. O dilema americano, na análise de Theodor Adorno comporta uma expressão da mentalidade que se forma durante a infância no seio da família e na educação, aprimorando-se através do contorno social. Segundo outro estudioso analisado no livro, Luis Dumont, o racismo americano nasce com o auge do igualitarismo, enquanto que na Alemanha, o anti-semitismo constitui o ápice de uma sociedade enraizada que se pensava total. No Nazismo a confluência do científico com o político deu lugar à justificativa da pureza de raça.

O imaginário racista moldado ideologicamente, se utiliza de meios contraditórios: adoração repressão, amar/odiar, viver/morrer, unificados em uma única representação: o mito.

Dentre as análises interessantes do livro uma delas preocupa-se com a forma elementar de racismo: o preconceito, que desenvolve-se dentro dos processos de comunicação, ou através das relações interpessoais ou, ainda, através dos meios propagandísticos de massa. Segundo o autor, a sociedade instrumentaliza a idéia básica da rejeição e a manifesta no primeiro sinal de crise: "Quanto mais indissociável é o racismo das relações sociais tangíveis, menos pode o preconceito como tal desligar-se da consciência dos atores. O que então denomina-se "preconceito" é uma expressão dessa consciência, que acompanha formas concretas de dominação e evoluciona ao mesmo tempo que se transforma nessas mesmas formas" (p. 128). A imagem mítica do inimigo é construída culturalmente.

A institucionalização do racismo atual, segundo Wiewiorka, é representado pelo Apartheid sul-Africano: leis, normas, participação política – o Estado aparece como orientador das condutas sociais. Nesse sentido, a elevação da segregação ao plano político implica mobilização e conscientização do ator, mas a penetração das idéias discriminativas tende também a diversificar as práticas de preconceito, levando a atingir populações cada vez maiores. A violência aqui funciona como válvula de escape para a sociedade ou diretriz de atuação para o Estado: "A violência racista constitui uma modalidade de tensões, que descarregam-se sobre um bode expiatório ao término – e isto é o essencial – de uma perda de pontos de referência sociais e culturais, ou de uma ameaça que cai sobre eles, de uma desestruturação das relações sociais, políticas ou comunistas, ou de um perigo real ou imaginário dela mesma" (p.160).